

RICOS INERTES NA CRISE

Para protagonistas do 'setembro negro' de 82, Europa e EUA são inábeis em lidar com turbulência atual

Blindagem externa

US\$ 376,5

bilhões é o valor das reservas internacionais brasileiras hoje. Em 1982, eram de apenas US\$ 4 bilhões

Europa em apuros

€ 2

trilhões é o quanto o Banco Central Europeu tem disponível para crédito, mas não consegue emprestar

Outra crise, 30 anos depois

1982

Ernane Galvão era o ministro da Fazenda quando estourou a crise da dívida, em setembro. A crise atual nos EUA e na Europa, avalia, reflete o excesso de alavancagem dos bancos

DANILO FARIELLO
danilo.fariello@bsb.oglobo.com.br
ELIANE OLIVEIRA
eliane@bsb.oglobo.com.br

-BRASILIA- Os principais atores da crise da dívida externa brasileira de 1982 avaliam que a Europa e os Estados Unidos não estão sabendo lidar com as crises recentes. Críticos das escolhas feitas pelos governos dos países avançados, eles também comungam da avaliação sobre a situação atual do Brasil: oposta ao que o país viveu no chamado "setembro negro". Carlos Langoni, que presidia o Banco Central há 30 anos, vê com decepção "a forma desordenada e caótica" como o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) lidou com a crise de 2008, assim como vê o Banco Central Europeu (BCE) inseguro para tratar a crise de sua região.

— Dentro dos EUA, o processo está muito lento, uma vez que o dinheiro criado pelo Fed está parado, porque não existe gente com confiança para tomar crédito. Na Europa, também há linha de crédito de quase € 2 trilhões no BCE, mas que está empoçada — reforça Ernane Galvão, que era ministro da Fazenda em 1982.

Diante da atual crise da zona do euro, Carlos Eduardo de Freitas, ex-diretor do Banco Central e responsável pelas reservas internacionais em 1982, avalia que Grécia, Espanha e Portugal já não têm mais condições de administrar sua dívida, embora se insista em deixá-los atuando normalmente no mercado financeiro:

— É preciso tirar o país do mercado, numa espécie de concordata para renegociações. Isso poderia ser resolvido de uma forma melhor, se reconhecessem o problema que o mundo inteiro sabe que existe.

“Eram e são burocratas economistas. É de dar risada o diagnóstico do FMI sobre a Grécia”

Delfim Netto
Ex-ministro do Planejamento

Galvão criticou o fato de, passados tantos anos e tantas crises, os bancos ainda não respeitarem as regras básicas de Basileia (que determinam limites rígidos para volume de crédito emitido em relação ao patrimônio da instituição).

— Nos EUA, por exemplo, houve exageros em créditos para expansão da economia após o 11 de setembro de 2001. Os EUA fizeram algo diferente da sabedoria universal,

que é o acordo de Basileia. Os EUA chegaram à alavancagem de 40 vezes (maior do que o patrimônio das instituições). Na Europa, 70 vezes. Os bancos europeus se alavancaram de tal maneira que em determinado momento quebraram. Aí os governos fazem déficit fiscal para salvar os bancos, e o problema é transferido. Em certo momento, nem resolve o problema dos bancos, nem resolve o dos governos, que é o imbróglio atual da Europa — disse Galvão.

Na visão de Langoni, o desenvolvimento do mercado financeiro ao longo dessas décadas levou a um descontrole sobre quais são exatamente os devedores que sofrem calote em caso de uma quebra.

— A multiplicidade de devedores que o mercado atual permite, por securitização, prejudica renegociações de dívidas. Isso torna todo o processo de controle da crise muito mais complicado, o que explica a grave crise sistêmica com a quebra do Lehman Brothers em 2008 — disse.

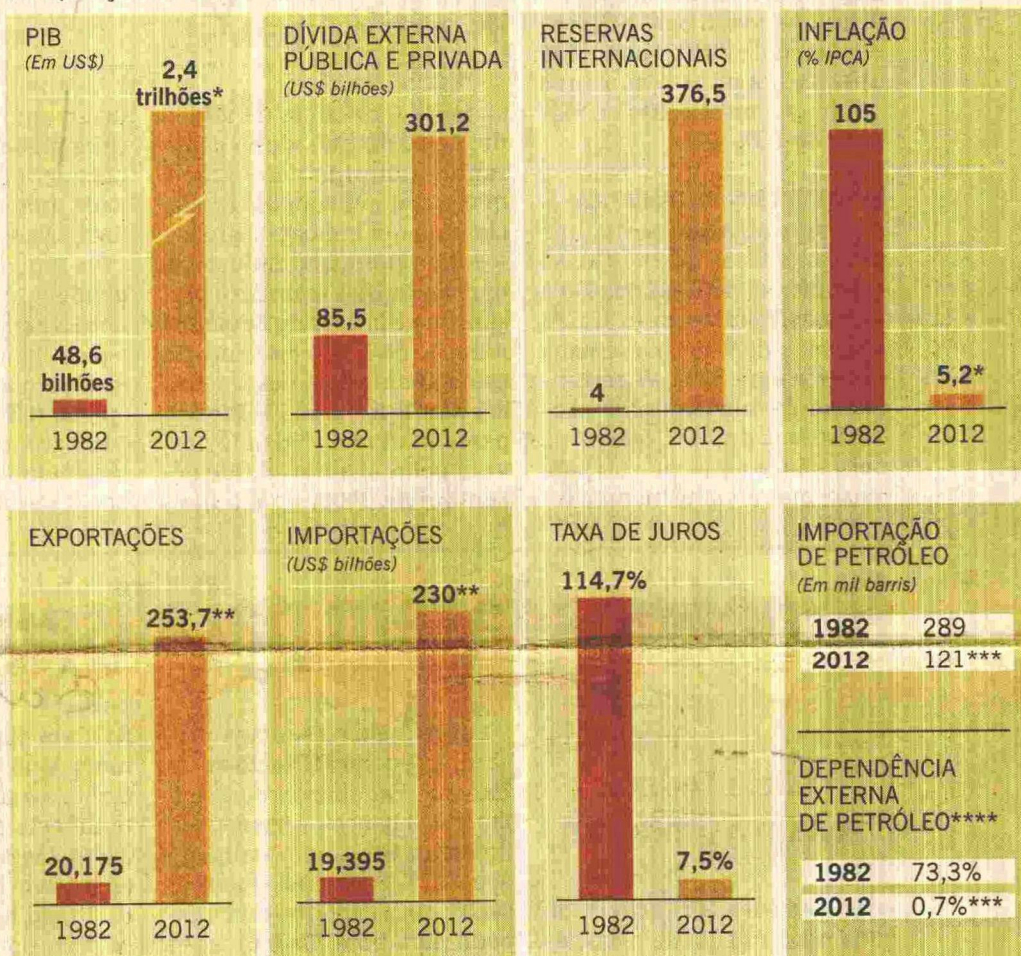
O ex-ministro do Planejamento Delfim Netto fez críticas ao Fundo Monetário Internacional (FMI) no tratamento de países em crise. Na sua visão, depois de décadas, a postura do organismo não mudou.

— O problema é que eram e são burocratas economistas. Eles acham que podem dar remédios ao mundo. É de dar risada o diagnóstico do FMI sobre a Grécia: a Grécia comeu demais e agora tem que descomer — disse.

Delfim disse que a economia brasileira ainda

A ECONOMIA BRASILEIRA HOJE E HÁ 30 ANOS

(Comparações 1982/2012)



* Projeção do Relatório de Mercado do Banco Central

** Agosto de 2011 a julho de 2012

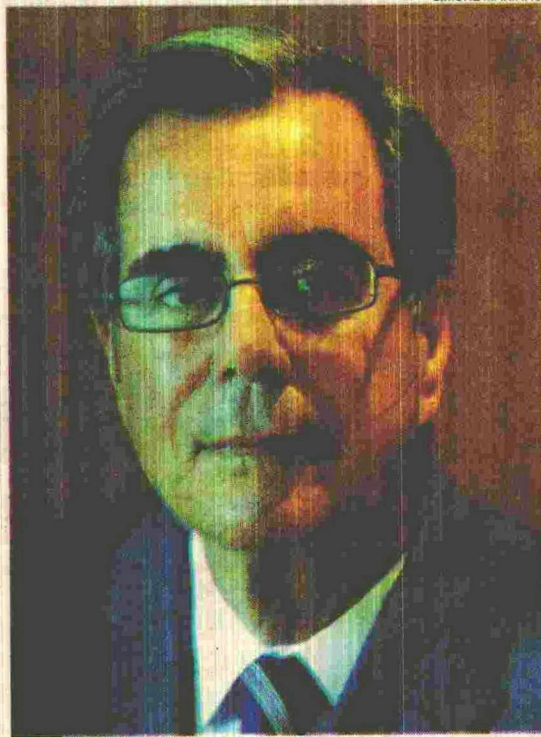
*** Dado de 2011

**** Cálculo do déficit do petróleo leva em conta a produção interna e a demanda

Fontes: Bancq Central, MDIC, IBGE e Ministério de Minas e Energia



Sem mudanças. Para Delfim, FMI continua o mesmo



Sem controle. Para Langoni, renegociação hoje é difícil

tem muito a melhorar, mas que se encontra em franco processo de "recuperação criativa". Destacou que as instituições fortes, como por exemplo o Supremo Tribunal Federal (STF), são ativos importantes para a imagem do país.

— Ouso dizer que não existe nenhum país emergente que tenha um Supremo com essas condições de independência, que procura fazer justiça e não ouvir a voz da rua, que quer sempre vingança — disse.

Diretor para o Brasil e outros oito países latino-americanos no Fundo Monetário Internacional (FMI), Paulo Nogueira Batista Junior disse que o Brasil aprendeu, a duras penas, a sair da situação de dependência do mercado externo.

— Trinta anos depois, o Brasil mudou sua posição completamente. Não é mais um país com o pires na mão. Quando assumi o cargo que ocupo hoje no FMI, em 2007, jamais poderia imaginar um cenário como esse — disse.

Em 1982, o Brasil tinha reservas internacionais de apenas US\$ 3,9 bilhões. Hoje, as reservas do país somam US\$ 376,5 bilhões.

Para Galvão, os grandes bancos brasileiros estão bem hoje porque respeitam limites de endividamento, sem correr mais riscos do que podem suportar:

— Nós estamos blindados no nosso sistema. Mas aqui está ocorrendo um desastre ainda de proporções incalculáveis, que é o fato de nossa indústria não crescer. Se a indústria não cresce, não faz investimentos e não cria oportunidade de investimento, caminha-se para uma crise.

Trinta anos após o "setembro negro" de 1982, Galvão, Delfim, Langoni e Freitas continuam na ativa, trabalhando como consultores ou ligados a entidades de classes. ●

O MÊS EM QUE O BRASIL FALIU

DOMINGO

Histórias secretas da dívida externa

ONTEM

Brasil ficou a um triz de rationar petróleo